www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):
Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)
Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.
Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.
Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPel)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.
Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activitys desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma "antropografia" (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

> **Semânticas da criação, o conhecimento pelos pés: notas sobre o Corpo Ativista através da dança com refugiados menores desacompanhados em Atenas.**
> **Autoria:** Mariana Ferreira Vieira (USP - Universidade de São Paulo), Bianca Beneduzi ? Mestranda do Programa de Mestrado Conjunto Erasmus + / Choreomundus ? International Master in Dance Knowledge, Practice and Heritage da Univers
> É possível dizer que as palavras não exprimem totalmente uma singularidade, no sentido de que esta singularidade não se reduz a um determinado discurso, como a experiência existencial do homem. Há uma impossibilidade de comunicação nas palavras que as tornam repletas de furos, fendas e abismos que desafiam a lógica e a própria forma da teoria que se pretende produzir. Se algo é suprimido, escondido ou mesmo diluído por meio do discurso, exprimimos o que se pode, usando os recursos possíveis a fim de enfrentar a complexidade da vida. Como trabalhar com dança dentro de abrigos para refugiados? Como a dança pode criar afecções nos espaços dessa comunidade? Essa reflexão tem o objetivo de promover a discussão e o compartilhamento de metodologias para criação de projetos em dança com comunidades em situação de vulnerabilidade social e deslocamento. Levando em consideração que o corpo é um fundamento

 ISBN: 978-65-87289-08-3

existencial da cultura, a experiência corpórea constitui um caminho fundamental para análise da interação humana em um mundo cultural (Csordas, 1993). Nesta reflexão ousaremos estabelecer uma conexão, ou melhor, uma ponte, concebendo uma espécie de travessia entre a palavra, a escrita, e a caminhada e a busca de sentido. Partimos de processos e metodologias experimentadas no desenvolvimento de um workshop de dança como parte do work de campo etnográfico realizado em Atenas, dentro de cinco abrigos para refugiados menores desacompanhados. Se o estado do nosso corpo nos coloca no mundo e nos conecta ao ambiente que forma nossa corporalidade, como então pensar num corpo inscrito sob o signo do sofrimento, que necessita de aderência simbólica para se colocar no lugar do real quando a ?pessoa? se materializa na figura de um ?santo? ou de um refugiado? De fato, a experiência no campo revelou a necessidade de mudar o foco, em um determinado momento para as políticas de negociação que precederam o work, que determinaram os papéis desempenhados pela etnógrafa e na maneira como a dança foi inserida em um contexto equivalente ao espaço casa, onde os participantes comem, rezam, dormem, entram em conflito, encontram ou não esperança. Analisar esses processos de constante negociação revelou-se tão importante quanto os momentos de dança em si. Assim, é um caminhar que não acontece linearmente no espaço e no tempo. Os pés dos refugiados revelam uma imanência própria? Eles se deslocam buscando sentido para a vida almejando alguma ruptura com a ordem de um sistema decadente? Até que ponto é possível inscrever e reinscrever uma vida? Estas são as principais questões que serão levantadas na escrita, sobre a escrita e metodologia, pensando propriamente numa semântica própria de criação, as formas de experimentar o conhecimento etnográfico contemporaneamente.

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**